

A NOVELLA SEMANAL



BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLEÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excelente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.



Iniciaremos a colleção com o primoroso livro **MANHA** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo

A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão. Impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fanearia se tiram por ali dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o accessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais atrahente possível pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas às menos letradas — eis ahi, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será lutil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quos se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, enfim, da população leidora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propagação das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahi, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inaccessible. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de graude e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informacões bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das uossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Toremos a nossa collaboraçao especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolleremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreantes, contanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volum es por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahi ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quos deseja servir e dos quos espera receber um acolhimento sympathico.

OS EDITORES.

Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboraçao interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos offerecem a sua collaboraçao.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quos lhe for remettido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organizando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada a venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quos pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogand a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

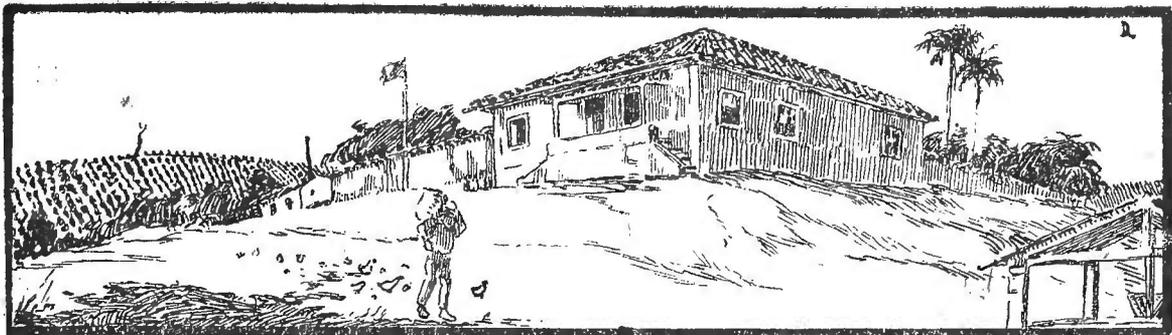
Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offerceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

Assignaturas

Anno	20\$000
Semestre	10\$000
Trimestre	5\$000
Numero avulso	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL - São Paulo, 9 de Julho de 1921

NUMERO 11

SUMMARIO

A RESALVA — João Luso

A VIRGEM DAS ESMERALDAS — Castro Menezes

O VELOCÍPEDE — J. Ramos

A ESMOLA — Mario Sette

TIA ELISA — Julio Schebel
A CARTA DO SUICIDA — Sud Mennucci

SUPPLEMENTO — A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores

res — Amadeu Amaral — PAULO DUARTE

Curiosidades literarias — Pensamentos de RUY BARBOSA (collectanea de MARIO DE LIMA BARBOSA). Racine em Café-concerto. Leconte de Lisle — JEAN DORNIS

A RESALVA

A D. Francisca Julia da Silva

Elle na rua, ella ao balcão, os namorados conversavam no silencio da noite, sob um céu crivado de estrellas.

— Tambem, diz a moça, ruins peccados hemos de nós ter p'ra tal castigo... Eu sei! pois Nossa Senhora não se porá de nossa banda?

— Emfim... Mas qual! Olha Joaquina, eu estou a ver o número, a vel-o como se já o tivesse nas mãos; além do 6 não vou. Emfim, Deus sobre tudo; mas esta maldita coisa que se metteu na cabeça...

— Ah agora, p'ra longe sementes agoiros.

Calaram-se pensando no dia seguinte. Apurado pelos medicos como um valente soldado, o Maia partiria de manhã cedo para Coimbra, a tirar as sortes e num bocadinho de papel, sahido duma urna, estaria a grande ventura ou a grande desgraça — voltar á terra, continuar vivendo nas doçuras daquelle amor purissimo e leal, ou ficar por lá um rebanho de annos, de fardeta e arma ás costas, a servir o rei, curtindo a amargura duma saudade immensa. E no espirito da rapariga já se estendia, minuciosa e nitida em seus detalhes, toda a dolorosa estrada a percorrer, se a fortuna lhe fosse avessa; lembrava-lhe já o transe despedaçador do ultimo adeus, mais tarde a falta de noticias de que outras se queixavam; a tor-

tura da duvida; a noticia duma doença no hospital; e já o coração se lhe apertava á lembrança de ver o João afastado da sua beira, talvez para nunca mais, esquecido ou morto no decorrer dos annos, que se arrastariam vagarosos, vagarosos até parecerem eternos. Um só raio de luz brilhava no seu triste scimar. Não estaria Nossa Senhora da banda delles naquella afflicção?

— Olha, ó quelle.

O Maia, abysmado tambem a matutar no futuro, esburacava a terra com o ferrão do varapau. Ergueu a cabeça.

— Ahn.

— Não é possivel que tú vas p'ra soldado. Não vas!

— Hom'essa! Tú lá adivinhas, doida?

— Parece que tenho aqui o dedo mendinho a dizer-m'ô...

Apezar dos pezares, elle riu.

— Tinha que ver! Eu dava cabo de mim! Posso lá crer em semente desgraça? E bonito seria ver essas lambisgoias a rirem-se de mim, a chamarem-me «viuvinha» conforme uma já se atreveu... Ai, por pouco a não esgano! Eu bem as oiço, cá me chegam aos ouvidos certos ditinhos, tratani-me de presumçosa, de soberba. Que era muito bem feito tu tirares mão numero, p'ra

eu abater a prôa... Mas ha de o Senhor ser servido que lhe quebraremos os olhos.

A Joaquina começava a dar largas ao forte genio que lhe valia os remoques das companheiras; quasi esquecia o seu amor pelos seus odios...

Certamente iria mais longe a apostrophe, mas a voz do pae fez-se ouvir dentro de casa, chamando-a:

— Então, cachopa, isto vão sendo horas de acabar o paleio; façam lá as despedidas de uma vez!

— Bem, disse o Maia, adeus. Se lá eu ficar, até...

— Olha, João, eu vou pedir ao meu pae p'ra ir á cidade comtigo.

— Mas assim ainda te é mais custoso...

— Qual, tambem eu sei mais depressa a noticia. Até amanhã, sim? Vou rezar. O que Deus quizer, mas p'ra soldado não vaes.

Deram-se as boas noites; ella atirou uma flor do alegrete, que foi cahir nas mãos do Maia; elle em paga atirou-lhe um beijo, afastou-se. A cachopa entrou em casa.

No corredor ia pensando no meio, num meio por extraordinario e difficil que fosse, para livrar o seu conversado das correias militares.

Relampejou-lhe no cerebro uma ideia rapida e viva como a lingua dum relampago penetrando numa tóca. O' Mãe do Céu, e se... Correu ao quarto do pae, já deitado áquella hora.

— Senhor pae, dá licença?

— Entra.

— Eu queria pedir-lhe uma coisa...

— Venha de lá.

— Que me deixasse ir amanhã á cidade.

— Adeus minhas encommendas! Pois que vaes tu lá fazer, cachopa? Se o rapaz tiver sorte, muito bem, que volta; se não tiver...

— Ainda queria outra coisa.

— Mais alguma das tuas. Dize.

— O João não pode ir p'ra soldado.

O velho embasbacou.

— Hein, não pode? Pois se os medicos disseram que sim...

— Mas eu não quero!

— Hom'essa cá me fica! Pois tú não queres. Has de lhe ir agarrar c'um trapo quente!

— Não senhor, mas...

E, debruçando-se sobre o rosto do velho, tomou-lh'o nas mãos, falou-lhe ao ouvido, entre dois beijos.

— O' filha, que isso já é loucura! Não, senhora, não consinto.

— Mas eu não posso ver o João ir-se embora.

Não sei; eu sou capaz de me botar ao rio, eu endoideço, morro!

— Temos o caldo entornado, resmungou elle. E vendo-a chorar de rijo: — O caldo entornado, e musica p'ra toda a noite! Olha, Joaquina, o rapaz não vae p'ra força. São tres annos, passam depressa; depois elle volta, ha de haver foguetes, um pagode; e então casaes. E ainda pode ser que elle tire numero alto...

— Mas se não tirar? Deixa-me fazer aquillo que eu pedi, deixa?

— Pensa no que estás a pedir, cachopa de não sei que diga, e terás a resposta que te posso dar! E p'ra mais, isto são horas e mais que horas; vae-te deitar, anda; vae com Nossa Senhora e deixa-me em socego.

Ajoelhou a moça á beira da cama, tomou-lhe as mãos, cobriu-as de lagrimas. O coração do velho amolecia aos poucos; em boa verdade, á vista de tal espalhafato; nem mais sabia de que maneira negar.

— Deixa-me, cachopa, que me fazes doido!

E pensava entre si: Isto que é bonito; se me dá outro beijo, não tenho remedio senão...

Mas nem o pensamento acabou, que já um chuveiro de beijos lhe acariciava as barbas brancas.

— Senhor pae, senhor pae...

Cedeu; cedeu como um tyranno fracalhão, como um juiz que dá mais ouvidos á alma do que á consciencia; cedeu como um pae...

— Está bem, rapariga, está bem, disse, fingindo má vontade. Quebra lá a cabeça a teu gosto, asneia bastante. Depois se te arrependeres...

— Não senhor, não me hei de arrepender. A sua benção; nós vamos cedo num rancho.

E a Joaquina sahia do quarto, já alegre. Ai, agora estava descançada. Se o Maia tirasse má numero...

A Joaquina accordou no outro dia, ao primeiro cantar dos gallos; ergueu-se, fez as suas orações, abriu de par em par a janella. Nos campos e azinhagas a vida accordava tambem; já um carro de bois chiava ao longe o seu ramerrão monotonico e rangido, e já a cantiga dalgum almocreve madrugador subia ao ar de mistura aos sons das campainhas da recua; a manhã era fresca, tocada a tons primaveris; os olhos adelgaçados oscillavam sob o afago do nordeste, e a passarada ia ás folhas cheias de orvalho tomar regaladamente o seu café do almoço.

A Joaquina, aperaltando-se como para uma

feita, penteou devagar os cabellos fortes, cruzou no peito o mais bello lenço, grande, com florões vermelhos no fundo cor de ganga, enfiou sobre as outras a saia de lã com barra azul; e, para que nada faltasse, foi buscar ao fundo da arca o cordão d'ouro macisso — uma fortuna! — pol-o ao pescoço em quatro dobras folgadas, encostando o medalhão que tinha uma Nossa Senhora esculpida, a prumo sobre o seio alto.

— Joaquina?

Era o namorado na rua, a chamal-a.

— Hein, lá vou.

E já entre a porta do quarto, não podendo conter-se, voltou de novo ao pé da cama, para se mirar no espelho.

Gostou de si e teve um sorrisinho de presumpção — a tal que as vizinhas notavam; deu ainda um geito ao vestuario; poz um poquito mais á banda o chapelico de velludo, guiou para traz da orelha duas madeixas de cabello teimosas, que faziam empenho em tapar-lhe o rosto. Galgou a escada, foi dar a mão ao conversado.

— Ih, como tu vens...

— Como?

— Bonita!

Caminharam a par. No largo havia outras moças, outros rapazes que marchavam para a cidade a tirar o numero.

Irmãs, namoradas, rara á que disfarçava o temor dum caso infeliz, que «delle» privasse. Houve cumprimentos, festas á nova companheira, por quem ninguem esperava, e o rancho abalou finalmente, já dividido em pequenos grupos, já todo um, ora silencioso, ora gargalhando e patrando.

— A Joaquina parece que se vae casar de alegre que tem a cara, observou uma. — Não que até dá gosto a gente olhar p'ra ella.

— Ai vida, não que tristezas são seccuras! respondeu alegremente a moça. E lá para si: — Bem te conheço, meu pau de lorangeira...

— Pois olhem, eu, disse o Maia, levo o coração do tamanho dum grão de milho.

— Vale bem a pena!

E foi tal o desprendimento da Joaquina isto dizendo, que elle ficou de pé atraz, intrigado.

— Então não é coisa de grande monta se eu fôr p'ra soldado?

— Ora, tudo tem remedio; tudo tem remedio, só á morte não.

E como visse a companhia murcha, caminhando em silencio:

— O' cachopas!, gritou. — Isto assim mais pa-

rece um enterro do que outra coisa. Vá lá uma cantiga p'ra animar.

Elle mesmo começou; quasi todos cantaram; o Maia, calado, ia parafusando no 6.

Chegaram a Coimbra. A rapaziada, á vista do Civil, esmoreceu como um rebanho de bois, á vista do açougue. Bateram as dez horas, entrou tudo. O João quiz que a namorada ficasse fóra, poupando-se a um espectáculo que iria talvez magoal-a.

— Nada, eu vou tambem. Escuta, quando metteres a mão na urna olha p'ra mim. Talvez te dê sorte...

Em breve um continuo fez a chamada; os rapazes iam respondendo -- prompto! presente! — e por uma porta do fundo entravam auctoridades, officiaes do exercito, os regedores de cada freguezia. Procedeu-se ao sorteio.

Os tres primeiros foram felizes; a cada numero que um major gritava, havia cá fóra reboliço, muitos parabens.

— João da Maia!

O rapaz, muito pallido, adiantou-se; ao passar pela Joaquina, murmurou: — É o 6, aquelle raio do 6, como quem o está vendo! — Passou as grades, foi enfiar a mão tremula no interior da urna. E trouxe dois papelicos entre os dedos.

— Só um! berrou-lhe o major.

E João, mais atarantado, mergulhou de novo a mão na urna; arquejava, parecia suffocar; finalmente, caçou no canto uma sorte mais bem embrulhada e deu-a ao major, voltando a cara.

— 6!

O raio de 6! Bem lhe dizia o coração agoireiro; era aquelle maldito, aquelle excommungado numero, que se lhe não tirava da cabeça ha tres dias.

Saltaram as lagrimas dos olhos da Joaquina, tão fortes que lhe foram regando as faces. Enxugou-as depressa. Dirigiu-se logo ao continuo, querendo saber, se a pergunta não era atrevida, em quanto poderia andar uma resalva. O homem riu, indicou-lhe a administração.

Momentos depois, a Joaquina sem esperar o namorado, ganhava a rua, pediu a uma rapariga que a acompanhasse, levaram sumiço as duas. O Maia procurou-a por todos os recantos do Civil. Que é da Joaquina? Viran-na? Deram fé? Nada.

Quasi meia hora depois é que a viu voltar muito apressada, inquieta, numa agitação em que havia a febre temerosa de chegar tarde, como quem vai no calço duma ventura que foge.

— Que é isso, ó 'quella?

— Espera ahí, disse, quasi sem lhe dar attenção. — Espera um instantinho.

E subiu as escadas do Civil; outras raparigas curiosas seguiram-na, entraram atraz della na administração; e alli, pedindo a resalva de João da Maia, a Joaquina fez cantar um punhado de libras sobre a mesa do administrador, batendo-as uma atraz da outra, até á ultiima. Depois olhando as mãos:

— Nossa Senhora, se custa um pouco mais caro, estava perdida!

Um amanuense começou com indifferente pachorra a encher de rabiscos a pagina dum talão. Palpitante, a moça esperava, seguindo com o olhar as viagens do papelucho, que ia de mão em mão, para este assignar, para aquell'outro fazer o assento nos livros. Parecia-lhe que taes formalidades não tinham fim; a todo o passo estendia as mãos supplicantes.

— Tenha paciencia, creatura, gritavam-lhe.

Quando lhe entregaram a folha assignada, carimbada, coberta de garatujas, a Joaquina apertou-a ao peito, como receiosa de que outras (as taes que a tratavam de presumptuosa) lh'a arrebatassem.

Com que estouvada alegria ella atravessou os corredores do Civil! Tropeçando, cá e lá, com um grito a voar-lhe do peito, assim foi cair nos braços do seu João. Apertou-o muito, muito, num longo amplexo amoroso, a choiar e a rir.

— O' Joaquina, mas que é isto! Eu cá de mim...

— Toma a tua resalva! (E mettia-lhe nas mãos o papelucho). Toma-a. Tu não vaes p'ra soldado. Não. Eu o que dizia, hein?

O rapaz desvencillhou-se-lhe dos braços, recuou, poz-se a fital-a. E teve um brado ao notar-lhe o pescoso nú...

— O' doida, e o teu cordão, a tua Nossa Senhora d'oiro?

— Vae lá agora atraz do cordão á rua dos Ourives...

— Pois tu vendeste...

— Qual vender, troquei-o por ti!

O João, apalermado, benzia-se com as mãos ambas, mas ella segredou-lhe ao ouvido.

— Bem te jurei que havia de quebrar os olhos a estas seresmas.

Olhou o Civil, grande e branco, com os seus nichos onde os santos encafuados liam em grossos livros ou empunhavam evangelicamente enor-

mes palmas recurvas. As portas, mulheres choravam.

— Fica lá com quantos quizeres, cão damnado. O meu amor cá o levo! exclamou a Joaquina.

— Toca p'r'á aldeia.

E já fóra da cidade, como os passaros cantassem muito nos ramos que o sol doirava!

— O' João, olha os melros tocando á forma! Ande lá p'r'á frente, seu militar!

JOÃO LUSO.



A VIRGEM DAS ESMERALDAS

Muito longe daqui, num paiz governado por um Rei avarento e orgulhoso, acontecen um dia um milagre: numa gruta, perto do mar, appareceu a uma camponeza Nossa Senhora, no seu manto de estrellas. Maravilhada, a camponeza correu pelos campos e chegou á cidade, espalhando pelas choupanas e palacios a noticia da apparição.

O povo alvoroçado accorreu á gruta. Era verdade: a Santa lá estava, resplendente, envolta na sua tunica luminosa.

Era uma imagem de admiravel formosura que parecia sorrir, extendendo as mãos afiladas como num gesto de eterno perdão. Quem a collocara alli? Ninguem soube. Os traços do rosto sereno, a delicadeza infinita das mãos tão brancas e o rutilar dos astros que lhe constellavam o manto não podiam ser obra de homem, revelavam um artifice divino.

Não tardaram, para tornar famosa a doce Virgem, os milagres. Os cegos, beijando a pedra da gruta, recobravam a vista por encanto. Punham-se a andar os paralyticos, os entrevadinhos. As creanças pallidas saravam. Em torno da gruta, dentro em pouco, havia uma porção de muletas abandonadas. Offerendas de toda a sorte eram levadas á Santa pelas mãos agradecidas. Os pescadores diziam que em noites de tempestade, pelo mar alto, quando invocavam a Virgem, as ondas amainavam, rolando mansas como cordeiros em torno dos frageis barcos. Quando fez um anno, todos, ricos e pobres, camponios e fidalgos, af-

fluíram á gruta maravilhosa, para levar a Nossa Senhora açucenas e lírios, velas de cera e precioso incenso. Ao chegarem lá, depararam, attonitos, com o novo milagre: sob o tosco altar uma fonte de agua muito pura surgia. A lympha, crystallina e branca, rolava da lapa e, ao tocar o chão, espadanava transformada em esmeraldas.

Passado o momento de espanto, todos, deitando fóra as offerendas e as flores, numa grande confusão, lutando uns contra os outros, precipitaram-se, procurando cada qual apanhar maior quantidade de esmeraldas. Com as mãos cheias, os bolsos transbordantes, os chapéos repletos, loucos de alegria voltaram depois para suas casas, crendo-se ricos para sempre. Mas qual não foi o espanto dessas almas gananciosas quando, ao esvaziar nos lares as riquezas que haviam trazido, viram, em vez de esmeraldas, simples conchinhas sem valor algum!

Logo tornaram, de roldão, para deante da gruta, enfurecidos e ameaçadores. Mas a agua brotava ainda, cada vez mais pura e continuamente se mudava em esmeraldas. No altar, nimbado de esplendores, a bôa virgem já não sorria. Apparecia tristissima, dir-se-ia com os olhos rasos d'agua.

Cheios de cupidez, fizeram todos, num delírio, nova provisão de esmeraldas e, voltando para suas casas, passaram pela mesma decepção.

O velho Rei, sabendo disso, exclamou:

— A Santa fez muito bem. Os pobres não merecem pedrarias e os fidalgos dellas não precisam. As gemmas são para os thesouros reaes. Irei eu mesmo buscal-as, no meu manto de púrpura, de corôa e sceptro. Vendo um rei ajoelhar-se, a Santa não terá coragem para mudar-lhe nas mãos as lindas esmeraldas em conchas.

A' frente de um sequito numeroso, o monarcha, numa liteira de ouro, fez-se transportar á gruta.

Lá chegando, nem olhou para a imagem, tanto o deslumbraram as esmeraldas que borbotavam como lagrimas de luz.

Nervosamente, curvando-se, o soberano poz-se a apanhar-as, entregando-as, depois, aos famulos que lhe extendiam grandes salvas de prata. Repletas todas as salvas, eil-o que volta, com o seu sequito, na sua liteira, de ouro, para o palacio. Anciosas esperavam-n'o a Rainha e as princezas. Mas quando o Rei quiz mostrar-lhes o thesouro, nas salvas de prata havia apenas pequeninos mariscos.

Tomado de colera, o monarcha fez annunciar que mandaria cortar a cabeça de todos aquelles que tornassem á gruta. E a Santa lá ficou esque-

cida, sem flores, sem cirios votivos, perto do mar.

Correram assim muitos annos, até que certo dia, num paiz visinho, uma pobre menina, filha de um pescador, vendo a mãe doente e o velho pae já sem forças para guiar o barco, lembrou-se da Virgem das Esmaraldas, cuja lenda tantas vezes ouvira contar ao canto do lume.

Sosinha, cheia de fé, a bôa menina partiu de noite, a pé, ao clarão da lua. Atravessou compridas estradas, ermas veredas, florestas bravas cheias de feras. Voavam á sua frente, guiando-a, os vagalumes. Depois de uma longa jornada, chegou finalmente á gruta; lá estava, serena e linda, a imagem milagrosa. A agua borbotava sempre, transformando-se em esmeraldas. A filha do pescador, ajoelhando-se, ergueu para a Virgem as mãos postas e, numa prece fervente, rogou pela mãesinha enferma, pediu pelo pae velhinho. Finda a oração, apanhou uma esmeralda, uma só, das mais pequeninas, e, beijando o manto da imagem, tornou para a casa distante. Eil-a que entra a humilde cabana e corre para junto do leito onde sua bôa mãe jazia enferma, e a cuja cabeceira, apertando a cabeça entre as mãos, o velho pae chorava.

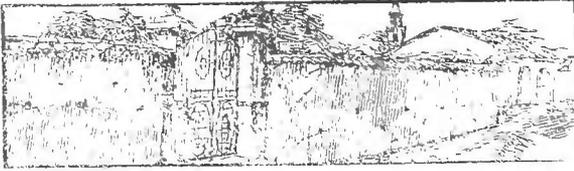
— Papae! Papae! não chores... Nossa Senhora deu-me uma esmeralda. Vamos vendel-a e comprar remedio para a mãesinha doente.

Dizendo isto, procurou no bolsinho do avental de chita a sua riqueza. E qual não foi a admiração de seus paes, vendo por sobre o leito não uma só mas inumeras esmeraldas, grandes e brilhantes, de um immenso valor. Nossa Senhora multiplicara-as. A menina, pela bondade de seu coração angelico e por sua gratidão infantil, mereceu tão céleste recompensa.

Assim que no reino do velho avarento souberam de tamanho milagre, todos, novamente, correram para a gruta. Longe ainda, já iam de mãos postas, resando em côro, como nas procissões, com o monarcha á frente, sem côroa nem sceptro. Mas perderam seu tempo. A gruta estava vazia. A imagem desaparecera. A fonte maravilhosa seccara. Nossa Senhora voltara ao céu, cumprida a sua missão de misericordia e de graça.

CASTRO MENÉZES





O VELOCIPEDE

Entre as minhas muitas ambições de creança a de possuir um velocipede foi, particularmente, a mais intensa e mais custosa de alcançar. Nunca desejei, como meus compaheiros, attingir postos de vulto, ser rei ou ser imperador de algum reino phantastico, ou mesmo um general; nem, como um visinho meu que era coroinha, ser Nosso Senhor Jesus Christo para padecer o supplicio da cruz entre dois ladrões, e que lá anda, agora elevado a sacristão, á espera de um Judas que não apparece.

As minhas ambições foram sempre moderadas e ao alcance das mãos, razão por que as vi satisfeitas todas, ou quasi todas. Hoje, volvidos muitos annos e com muitas illusões desfolhadas, continúo com o mesmo methodo, com o meu terra a terra dos tempos de creança.

Para possuir o velocipede eu vivia atormentando meu pae. Este adiava a compra a troco das minhas peraltices e vadiação e do trabalho que lhe dava. Meu pae não desgostava das peraltices que eu praticava e, só quando as queixas dos visinhos eram mais violentas, limitava-se a puxar-me as orelhas á vista delles, de envolta com os conselhos que eu já sabia de cór. Mas por dentro sorria e applaudia-me.

Applaudia-me, é verdade, mas o velocipede não vinha. Elle lá estava, com suas tres rodas de metal branco e o sellim de couro amarello, coberto de poeira e teias de aranha, pendurado no forro da loja triste do Esteves. Sempre que por lá passava eu o namorava com olhos cheios de cobiça, e o meu receio era não dar mais com elle, algum dia, no logar costumado entre uma duzia de vassouras e uma gaiola, onde um sabião cantava ás vezes desconsoladamente.

Cheguei a ter sonhos deliciosos com a appetida machina; uma noite, ao fazer uma curva mais rapida, rolei da cama abaixo, acordando com a cabeça contundida. Mas os meus sonhos contados de manhã com o fito de abrandar o coração paterno, nada conseguiam. A cada assalto que eu fazia para havel-o, meu pae meneava a cabeça e dizia-me, cofiando o bigode: — Emen-

da-te e depois falaremos. E dizia-o muito sério, encarando-me firme, com severidade quasi. Mas era difficil emendar-me, se não impossivel.

Quando o desejo me pungia com mais força, e era-o ás vezes a ponto das lagrimas encherem-me os olhos e amaldiçoar a soviuce paterna, contendo a custo a raiva que me ia por dentro, sentava-me a um canto na sala de jantar, folheava o livro ou enchia a lousa de caretas, olhando para a rêde em que meu pae cochilava entre as baforadas do cigarro; mas elle não dava pelos meus modos sérios, numa indifferença irritante.

Isso durava pouco. O tédio não demorava a invadir-me. O rabo de um papagaio entrevisto da janella ou o assobio de um garoto chamando os outros para os brinquedos, faziam-me esquecer a ambição, os propositos deliberados de emendar e as miserias triviaes da existencia; fechava o livro de mansinho, esgueirava-me pé ante pé até á porta e lá me ia pela rua afóra, alegre como um passaro.

Uma tarde, á sobremesa, quando a esperança de possuir o velocipede já de todo se desvanecera, meu pae, a meio de descascar um pecego, ficou com a faca suspensa e disse-me pausadamente:

— Si não me engano, Antoninho, o teu comportamento tem mudado bastante. Pelo menos os visinhos não me têm incommodado com as queixas que provocas e o professor confessou-me que és outro. Terás o velocipede no dia de teus annos. Mas é preciso que até lá sejas em tudo um modelo, ouviste, maroto?

E, sorrindo, ameaçou-me com a ponta da faca, em ar de de gracejo.

Escancarei a bocca, entre espantado e jubiloso. O espanto era causado pelo sorriso e mais pelo gracejo, coisas que em meu pae raramente se manifestavam e que eu não me lembrava jamais de ter visto de mãos dadas. O jubilo, vencido pelo outro, encolheu as azas receioso e não chegou a expandir-se por inteiro; mas sempre me deu um impeto de saltar ao pescoço de meu pae. Ia fazel-o e é possivel que chegasse a levantar-me, si um olhar não me grudasse á cadeira, immobilizando-me. Meu pae gostava de rir e gracejar, mas interiormente sem dar trabalho aos musculos; por fóra era um homem casmurro, inimigo de expansões.

Nessa noite não fui á rua e passei estudando ou fingindo isso.

No dia de meu anniversario, que foi d'ahi a umas semanas, levantei-me com a aurora. Tinha-

me esmerado no comportamento que meu pae, exultante, classificava de impecavel. Como de costume sahi de casa ás dez horas e passei pela casa de Raul e de Zezé, filhos de um sapateiro, os alumnos mais quietos e palermas da escola.

Eu ia apprehensivo. A cartilha do Galhardo e a lousa pesavam-me como nunca sob o braço. E tinha motivos para isso; logo para aquelle dia o professor mandara decorar a taboada e a historia dos donatarios, com datas e nomes. E devia ser repetido sem piscar, como dizia elle.

Eu não tinha a menor quèda para a mathematica e era o primeiro a reconhecê-lo; minhas faculdades mnemonicas eram escassissimas e os donatarios davam-me calafrios na espinha. Tratasse-se de armar uma arapuca, de furtar fructas na quitanda da esquina, de esborrachar o nariz de alguém com um murro ou de amarrar latas á cauda dos gatos, com grande gaudío das creanças de calças compridas, estava eu prompto e poucos se sahiam com tanta perfeição dessas empresas. Mas encaixar no cerebro as combinações dos numeros e as lições de historia eram coisas para mim inatingiveis e que me pasmavam de ver alguém realizal-as.

O nosso professor não era mau de todo; era antes bondoso. Fechava os olhos a muita traquinagem e os ouvidos ás asneiras. Mas era homem, e como tal imperfeito; tinha o fraco de ser inflexivel na taboada e na historia patria, aos sabbados. Não perdoava. E menino vadio não havia que não tremesse deante d'elle, quando a vara se erguia ameaçadora para cahir no misero, assobiando no ar.

No caminho, um pedaciquito de ave que era só bico, sugava as flôres de uma goiabeira; quedou, suspenso numa vibração de azas, vendo-me de cabeça baixa a remoer quantas vezes a vara me lambria as costas e interpellou-me, sarcastico: — Bons dias, Antoninho, que tristeza é essa? Quantos foram os donatarios? Oito vezes seis? Nove fóra? Cuidado com a vara. Parei, apanhei uma pedra, mas elle voou, rindo-brejeiramente.

Continuei a andar, encurtando o passo, enquanto os meus dois companheiros mastigavam um pedaço de pão com afan. Nunca a escola me pareceu tão proxima. Implorei aos santos uma doença justificadora, fosse ella uma colica, que me apanhasse de repente e com a qual pudesse voltar para casa. Mas a colica não veio. Tive algumas depois, quando dellas não precisava e em occasões inoportunas.

Não veio nem indigestão, nem colica, mas um santo, compadecido do meu soffrer, enviou-me uma idéa santa. Santo bemdito: na bemaventurança em que repousas e que bem mereceste recebe agora os agradecimentos que então esqueci de dirigir-te. A idéa do santo era simples e linda. Porque não iria correr pelos campos atraz das borboletas, descobrir ninhos de passaros e tomar banho no rio, em vez de ir á escola?

Parei de novo e sorri.

— Vocês sabem a lição de hoje? perguntei aos outros. Eu cá não sei e por isso não vou á escola. Não estou para apanhar como burro de carga. Vamos passear?

Elles olharam-me estupidos e disseram que não, admirados da proposta. Tunda por tunda preferiam a vara do professor á correia paterna.

— Ora, não sejam tolos, quem saberá que fomos passear? Não de ver que dia soberbo passaremos no rio.

E fui por ahi, tentando-os, com palavras meigas e promessas seductoras. Os dois eram teimosos e então desci ás ameaças. Esse argumento decidiu-os.

Fomos. Quem nunca gazeou um dia de aula desconhece os encantos que se gozam longe da disciplina e da massada do estudo, pensando nos collegas que lá estão enfileirados nos bancos, dois a dois como bois na canga, a cabeça enterrada nos livros e cadernos, enquanto o professor passeia pela sala, de vara atraz das costas.

Quando o sol escaldava e já cansados de andar a esmo, dirigimo-nos para o rio. Despi-me num abrir e fechar d'olhos e atirei-me á agua com volupia. Os dois irmãos seguiram meus movimentos com alegria e a minha habilidade nos mergulhos arrebatava-os. Gritei ao Raul que guardasse a covardia para outra occasião e elle, depois de hesitar um instante, tirou as roupas e mettu-se n'agua, não sem antes benzer-se tres vezes. Iamos de uma margem á outra apostando quem primeiro chegaria, lutavamos onde a profundidade não era muita, quem mais tempo ficaria debaixo d'agua, deslembados do Zezé que continuava a roer a eterna codea de pão, inquieto, arrependido talvez de ter faltado á escola.

Occorreu-me então um pensamento mau, ao dar com elle assim. Cheguei-me a elle e convidei-o a nadar.

— Não, meu pae ficará zangado si o souber e eu não sei nadar.

— O que tem isso? E' muito facil e eu te ensinarei. Verás. Vamos, um pouco de coragem.

Turrou que não nadaria e foi precisa a ameaça de jogar-o ao rio mesmo vestido para que elle se decidisse a tirar a roupa, que dobrou e depoz na margem com cuidado. Enfiou os pés n'agua medrosamente e deixou-se estar allí perto, acocorado. Comecei a dirigir-lhe chufas, a zombar-lhe do medo, até que, num assomo heroico, de olhos fechados, como quem se precipita num abysmo e não quer vel-o, o Zezé lançou-se ao meio do rio. O rio era fundo e o Zezé não tinha a noção mais rudimentar da arte natatoria. Debatteu-se alguns momentos desesperadamente, gritou por soccorro, agitou as mãos e afundou. Vendo-o desaparecer, eu e o Raul puzemo-nos a berrar, quando seria mais conveniente fazer alguma tentativa de salvamento. Mas o assombro em que ficámos tolhia-nos os movimentos e desatava-nos a lingua.

Aos nossos berros afflictivos um homem — ha sempre um homem prompto para semelhantes scenas que surge não sabemos de onde, nas novelas e na vida real, e mais vezes naquellas — que ia passando veio lesto ver o que era; e, inteirado do desastre, não perdeu um segundo e arremessou-se ao rio, com tão desprendida coragem que não pude furtar-me á admiração. Mergulhou e appareceu alguns metros adiante trazendo o Zezé num dos braços.

Tudo isso fôra rapido, fulminante. Vestim-nos ás carreiras e o homem, depois de indagar da casa do Zezé, para lá fomos nós. O coração palpitava-me descompassadamente. Olhei para o Raul; tremia como um farrapo agitado pelo vento e uma pallidez immensa cobria-lhe o rosto. Eu tambem devia estar assim, tremulo e pallido.

Ao entrarmos na loja o sapateiro atirou a um canto a botina que estava a remendar, precipitou-se para o homem e soltou um tão grande urro que nos gelou a todos. Só então nos apercebemos que o Zezé estava morto. O homem enfiou pela casa a dentro e depositou o cadaver na primeira cama com que topou. Meu pae, que estava á janella, veio ver do que se tratava. Junto gente, a invasão foi completa. O generoso salvador, sem que ninguem lh'o pedisse, começou a dizer como fôra o caso, não sem fazer resaltar a magnanimidade do acto praticado. O Esteves que era apaixonado dos lances dramaticos, exclamou com tremura na voz:

— Nobre procedimento! Bella acção! Bellissima!

E foi d'ahi com o homem á loja.

O sapateiro, sahindo do torpor em que se abys-

mara e não ouvira syllaba da narração, agarrou o braço do filho e foi dizendo, entre soluços e lagrimas:

— Como aconteceu isso? Dize, como? Não deviam estar a estas horas na escola? Foste tu que o levaste ao rio? Fala!

E o Raul, de beiços lividos e olhares esgazeados, gaguejou:

— Não fui eu, pae... Juro... Foi o Antoninho... que não quiz que fossemos á escola... Foi elle que empurrou o Zezé n'agua... E' delle a culpa... Juro!...

O olhar de meu pae veiu direito a mim e varrou-me de lado a lado. Era o meu anniversario; lembrei-me do velocipede e vio-o perdido. Era preciso mentir, mentir com energia, com força, desassombradamente.

Não trepidei: Avancei um passo e, entre indignado e colerico, as faces afogueadas, apostrophei meu camarada:

— Eu!? Tens a ousadia de dizer isso quando foste tu que me convidaste para nadar, por não saberes a taboada e a historia dos donatarios? Eu é que empurrei o Zezé? Grandissimo mentiroso!

Os circumstantes fitaram-me pasmados; vi gestos approvadores. O pobre Raul baixou a cabeça e o sapateiro abateu-se na cama, aos pés do morto, soluçando amargamente.

Meu pae, sensibilizado, tomou-me da mão e puxou-me para fóra:

— Com que então, não foste tu?

— Eu? Não! Juro por Nossa Senhora que me ouve!

E beijei os indicadores em cruz, para dar mais expressão ao juramento.

— Bem, vamos ver o velocipede. Hoje é o dia de teus annos. O promettido é devido.

D'ahi a pouco o Esteves, ainda commovido com a nobilissima acção, descia o abençoado e sujo velocipede. Tomei-o nas mãos com veneração como a uma reliquia e fui arrastando-o para a casa, jubiloso. Quiz estreal-o logo, mas meu pae não consentiu.

No dia seguinte, de manhã, levaram ao cemiterio o desastrado Zezé. Alguns meninos da escola, acompanhados do professor, seguiram o caixão azul, com ramalhetes de flôres. Eu, escaranchado no velocipede brilhante de muito o pulir, agitando galhardamente o boné, atroava a rua com meus gritos, sob o olhar baboso de meu pae...



A E S M O L A

«Les belles mesdames, enfin, auront montrée leurs seins un peu partout, dans les salons ; tout le monde les aura vus, sauf leurs enfants».

BRIEUX.

Na saleta de costura, toda caiada e fresca, janella e porta abertas para o copiar, embora cinco horas soadas, querendo escurecer, Regina, curvada sobre o collo, costurava uma camisolas de creança. Ao pé, montada sobre gavetinhas de madeira clara, a machina de costura, na sua nickelagem bem cuidada, espelhante, mostrava sob a lançadeira um trabalho interrompido.

Do quintal vinha um perfume suave de rosas abertas ao tepido esmorecer da tarde, de envolta com o tropel de pequenitos a correrem, ora na calçada do terraço, ora na areia fôfa do jardim.

Emquanto o marido não chegava, ella se distrahia em fazer uns pontos mais, accrescentando a tarefa, porque «ôs meninos andam quasi sem roupa», dizia sempre, com extremos de carinho maternal. Escurecia.

— Maria! anda accender esta lampada...

A criada, uma rapariguinha aceiada, geitosa, trouxe uma cadeira de junco, trepou-se e deu luz á lampada:— um referver forte, um cheiro de sapoti maduro e logo depois o alcool gazeificado encheu o globo de uma claridade doce, leitosa.

A campainha do portão vibrou; passos se ouviram lá fóra.

— Deve ser o Raul...

Não era elle ainda. Margarida, companheira de infancia, entrava, a sorrir numa elegancia mundana com excessos de modas, cingida em tafetá e gaze, collo e braços diaphanamente nús, saia muito avançada dos artelhos para melhor mostrar as botinas caras, bizarras, de pellica inteiriça. As faces eram duas telas bem trabalhadas, os olhos realçados pelos supercilios bistrados, a cabelleira sob o chapéo de velludo, extranhamente basta para quem, em casa, tinha os cabellos tão ralos...

Numa olhadella furtiva, Regina notou todo o exagero da amiga.

— Um instante para te ver; não te interrom-

pas na costura. Vou depressa para casa; hoje, á noite, ainda vamos ao Parque. O «Conde de Luxemburgo» sabes? E tu, sempre caseira?!... Teu marido? — falou Margarida em catadupa.

— O Raul no trabalho. Não tarda. E' preciso ganhar a vida, o lar se povôa... Não temos tempo para cuidar da rua: — demais, ella pouco me interessa. Acho mais suavidade, maior encanto em cuidar dos meninos, no governo da casa... Sempre fui assim.

— E's uma exquisitona! Tambem, tenho um «menage», tambem tenho filhos, mas isto não importa na renuncia dos meus gozos. Para que servem as criadas? Temol-as, felizmente, uma para cada creança. Havia de ter graca que por ser mãe deixasse de ouvir hoje o duetto, dos beijos...

— Tens um genio antagonico ao meu, mas nem por isto deixamos de ser as mesmas amigas.

— Sim, porque cada uma age a seu modo. Quer me parecer que andas errada, desperdiçando a tua mocidade, a tua vida, numa clausura voluntaria. Nem vás ás lojas...

Regina sorriu-se com bondade, numa expressão calma de beatitude: A's lojas? Raul compra-me o que quero, e si é força minha presença, vamos juntos. Aliás, tu nem sempre sahes á rua por necessidade: — é o chic, é por ser moda, perdendo algumas horas abaixo e acima, nas calçadas da rua Nova, fazendo jús a uma menção na chronicas dos jornaes. Não gosto disso. Tenho outros deveres; alguns á hora fixa. Olha, ahi vem um...

A criada, de novo entrando, trazia nos braços, a choramingar, um petiz de alguns mezes, todo enfeixado numa camisolinha de rendas, garrida de fitas; Regina acolhe-o, amavel, mostra-o a Margarida que o amima com frieza, desabotôa o casaco, desaninha do talho da camisa o seio nú, redondo e chega-o á bocca morna do filho.

A amiga contempla-a com um risozinho de desdem:

— Olha, Regina. Dos deveres da mulher esse é o mais prosaico, o mais prescindivel... Rebaixanos a animaes. Nunca amamentei os meus. Acho desgracioso, incommodo, horrivel! Envelhece-nos cedo, rouba-nos a tumidez dos seios, a perfeição dos contornos. Num baile, decotada...

— Não sabes ainda é ser mãe! Preferes o luxo, as exigencias sociaes, os prazeres. Nunca provaste o sacrificio de um desejo, pelo bem da prole. Ainda não conheceste, — oh! Deus t'o preserve... — as agruras da vigilia na cabeceira

de um filhinho doente, a gemer... Ha dias li num jornal «a gente se sente tão feliz quando vê as crianças alegres!». E' uma verdade...

Margarida escutava, contrafeita, as phrases simples e sinceras da amiga. Por fim atalhou: — Paciencia, minha cara. Não sou tão má como pensas. Prefiro não saborear tudo isto que affirmas de bom, a viver aprisionada em casa, atrás de fraldas, desnudando as pommas a cada berreiro dos meninos...

Levanta-se da cadeira, retoma as luvas, uns embrulhinhos, a sombrinha: — Adensinho, Regina. Lembranças ao Raul. Aparece uma noite, avisa-me para não sahir... Vai á vontade; lá podes dar de mamar ao teu pimpolho...

Margarida sae, rindo-se... Regina leva-a ao portão. Em caminho os filhos, tres mais crescidos, se lhe enrodilham nas saias, acanhados da visita, muito limpinhos, corados, flores que dão maior viço aos rosaes, louros cysnes das piscinas dos olhos meigos da mãe devotada. E enquanto a amiga se afastava, ella deixou-se ficar no portão, entre as creanças, rindo com ellas, ralhando com doçura, á espera da marido que tardava.

II.

Acordara cedo, como de costume; abri-a a casa, fôra soltar as gallinhas, dera-lhes milho aos punhados, andara pelo quintal apanhando uns cajás cahidos durante a noite, guardando-os para os meninos.

Quando, de toalha ao braço, ia ao banheiro, um mulato bateu no portão. Era uma carta, uma carta de d. Margarida — dissera o portador. Alli mesmo, abriu a enveloppe roxa, aromatizada e, num bizarro rectangulo de velino, leu, escriptas numa tremura evidente, as phrases nervosas da amiga: «Que noite de agonias, Regina! Ah! agora é que me sinto ser mãe... O meu pequenito, Oswaldo, está mal, muito mal. Encontrámol-o assim de volta do theatro. Estou louca de dor. O medico diz ser preciso alimental-o com leite humano. Os meus peitos já estão seccos. Lembrei-me de ti: — queres me fazer esta esmola?»

Regina chorava, lendo. Deu um recado ao homem e foi ter com o marido que, no quarto barbeava-se em frente do espelho.

— Olha Raul, recebi esta carta de Margarida. O filhinho della está mal. Lê...

O rapaz passou a vista na carta, contrahindo os sobrolhos:

— Você deve ir logo, minha filha. Esses ca-

sos assim são urgentes. Com certeza, intestinos, leites azedos, mamadeiras sujas...

Regina já entrouxava os cabellos, procurava nos gavetões roupa branca, despira o roupão, a trocar as vestes com pressa.

Na casa da amiga ia a lufa-lufa que precede as desgraças. A amiga pendurou-se-lhe ao pescoço, a chorar, a recriminar-se:

— Tinhas razão; não soube ser mãe. O meu Oswaldo! Tão bonitinho: não parecia ter dez mezes! Soffro tanto! Foi aquella desastrada da Josephina que se esqueceu de referver o leite. Fez mal. Anda vel-o.

Na cama de casal a criança tinha estrecimentos nervosos, soltava gritinhos espaçados. O aposento, meio escuro, cheirava a remedio: — o medico, vindo de novo, de pé, olhava a agitação do doentinho, pensativo, abstracto.

— Uma gastro-enterite, phenomenos convulsos... E' preciso já e já, outra alimentação...

— Dr... aqui está a minha amiga, de quem lhe falára esta noite. Vem me fazer a esmola de dar o seu leite ao menino.

O esculapio volven-se, saudou Regina:

— Muito bem. A senhora, melhor do que tudo, pode fazer pelo doente. Chegou agora? Descance um pouco e tente dai-lhe de mamar... Eu passarei aqui de tarde.

Regina acompanhando-o á porta, ouviu d'elle a sentença: Caso serio, muito difficil!... Ha phenomenos claros de meningite...

Tremula recompoz a face para rever a amiga, no quarto. A criancinha contorcía-se, gritava, estirava as pernas, cerrava os punhos, delirava. A febre intensa. Descançada, Regina sentou-se a uma poltrona e Margarida trouxe-lhe, embrulhado, o filho.

Do peito desnudo, apoiado, escorria um fio de seiva: — a criança, a principio, sugou uns golos, depois recusou, inteiriçou-se, reagiu. Deitaram-na de novo.

— Oh! meu Deus! Que castigo! Está tudo perdido! Elle já não quer mamar... Meu filhinho morre! Por culpa minha...

Atirava-se sobre o leito, beijava a testa quente do doentinho, chorava, torcia as mãos. O marido, Paulo, que viera da pharmacia, tentava acalmal-a. Regina, a um canto resava, fazia uma promessa, enxugava os olhos.

De tarde, o medico já não deu esperanças ao pae. E á noite, a meningite violenta dominara de todo. Depois da excitação dolorosa, viera a

côma, ligeiro estremecimento das perninhas, dos braços.

Pela madrugada, quando Margarida exausta, cochilava ao pé da cama, e o marido, em silencio, metterá-se numa espreguiçadeira, Regina conheceu os derradeiros anseios da criança.

Uma vela tremebrilhou... Paulo veio de joelhos, beijar os pésinhos a esfriarem, chorando. Ao respaldo da cama a velha ama do casal, enterrara a cabeça entre os braços cruzados.

Gallos cocoricavam nos quintaes; um vento forte — o terral — farfalhava as arvores; um cão uivava longe, grillos trillavam por detraz de uma commoda no quarto visinho...

Margarida despertou, ergueu-se sobresaltada, olhou a scena, adivinhou. Quiz lançar-se sobre o corpo sem vida do filho, mas as forças fugiram, um grito hysterico resou e ella cahiu, de costas, no chão.

Regina apagou a vela, já inutil, e accorreu com um vidro de agua de Colonia. Abriu o casaco da amiga, repuxou a camisa, descobriu o cóllo para friccional-o: — os seios redondos, alvos, turgidos, alteiaram-se, roseolas dos bicos erectos — seios lindos de mulher, seios estereis de mãe...

MARIO SETTE.



TIA ELISA

Em casa, todos nós adoravamos tia Elisa, sobrinhos e não sobrinhos.

E tia Elisa, realmente, era adoravel. E que adoraveis doces ella sabia fazer! E como, farta, prodigamente, os distribuia a nós todos, sobrinhos e não sobrinhos, que todos eramos sobrinhos della.

Tia Elisa era velha; tia Elisa era gorda; tinha os cabellos brancos e usava oculos; era surda e adorava o chá verde; acima do chá verde, só os romances sentimentaes, Lamartine á frente.

Além de tudo isso, que eram as más qualidades, tia Elisa tinha uma porção de qualidades boas: era terna, carinhosa, esmoler e de uma egualdade de genio que nem um terremoto alteraria, ainda quando esse terremoto fizesse mais barulho que os nossos Zé-Pereiras.

A gente grande debitava-lhe essa tolerancia na conta corrente da surdez.

Maldade, pura maldade. Apesar de Lamartine, do chá verde, da surdez, dos oculos, da gordura e da velhice, tia Elisa era um anjo.

Tia Elisa não se casára, nem se podia conceber que tia Elisa se houvesse casado algum dia. Só era conceptivel sob uma forma e em um estado — tia de nós todos, sobrinhos e não sobrinhos.

Mas, além de nós, tia Elisa tinha mais um sobrinho, que nos enciumava.

Era *seu* Antoninho, um pobre velhote todo branco, tolhido das pernas, para quem ella mandára fabricar uma carriola de tres rodas, entre poltrona e tricyclo, que, bem ou mal, lhe permittia locomover-se, transportar-se de um logar para outro.

Uma especie de *habeas-corpus* rodante contra as arbitrariedades do rheumatismo...

E *seu* Antoninho era o santo Antoninho de tia Elisa. Tocassem-lhe e tia Elisa...

Perdão! Nunca nenhum de nós lhe tocou; nem soube o que fazia tia Elisa. O que faziamos eram queixas.

— Que tia Elisa gostava mais de *seu* Antoninho que de nós; que tia Elisa tinha mandado fazer o carrinho para elle, que, de todos os doces que fazia, os melhores eram para *seu* Antoninho...

E a tudo respondia tia Elisa, com a sua voz macia, como si fosse de creme:

— Meninos, pois vocês não vêm que elle é um entrevadinho?

Um de nós — eu quiçá — um dia, num accesso de ciume, sapateando, gritou:

— Tia Elisa, por que é que a senhora não casa com *seu* Antoninho?

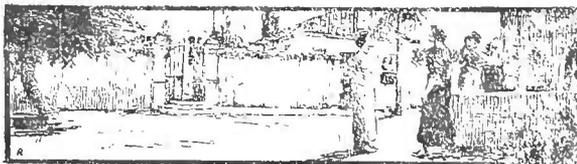
Tia Elisa não respondeu; entrou para o quarto e fechou-se. Mas, ao jantar, tinha, por detraz dos oculos, os olhos empapuçados e vermelhos.

Essa tarde, não leu Graziella, nem quiz saber do chá verde...

Um dia, tia Elisa amanheceu morta. Morrera docemente, suave, maciamente, como tinha vivido. Nós não acreditavamos que ella tivesse morrido: — parecia dormir, parecia ainda estar dormindo, quando a carriola do *seu* Antoninho entrou no pateo e elle desatou em pranto, pedindo, supplicando que o levassem, que o carregassem para ver a *sua* Elisa...

Elle e a *nossa* tia Elisa, trinta, quarenta annos antes, haviam sido namorados, noivos...

JULIO SCHEIBEL



A CARTA DO SUICIDA

Carissimo Alfredo

Hoje, ás cinco horas da manhã, suicido-me. Has-de necessariamente querer saber das causas, dos horriveis motivos que me levam a esse acto de desespero e de revolta, acto que vem soffrendo a abominação dos seculos, previsto até pelo Código Penal.

Não baterás a cabeça á procura do enyigma. Basta-te ler o que vem abaixo :

Hoje, mais ou menos ás tres horas da madrugada, sahia eu, do *High-life*, depois de haver jogado e perdido toda a minha primeira mesada, o que implicava a perda de uma linda marselhesa, a quem vinha fazendo a corte ha uma boa porção de dias.

Como gosto extraordinariamente do mar, em especial desse «sonho inatingivel de poeta» que é a bahia de Guanabara, e como houvesse lua, fui andando pela praia do Flamengo em direcção á minha casa. Apoiando-me, por acaso, á amurada do caes para ver melhor uma incidencia de raios lunares sobre a agua viva e irrequieta do mar, que produzia uma extranha e deliciosa refulgencia, não sei porque, assaltou-me de improviso a idéa de dar hoje mesmo cabo da vida. Achei, a principio, o pensamento curioso e faceto, por não lhe achar ligação nenhuma com o espectáculo magnifico da bahia. E enquanto me punha a andar, já esquecido do mar, comecei a meditar sobre essa grande «cobardia»

Por uma natural associação de idéas, lembrei-me do suicidio de Henrique, aquelle nosso saudoso e bizarro amigo, tão amigo do paradoxo e do sofisma que, num dia de duvida sobre a existencia de Deus, poz termo á vida quasi heroicamente. Lembras-te do escandalo levantado em torno daquelle caso doloroso? Pois, o espalhafato da imprensa pareceu-me digno remate de um espirito saturado de *snobismo* qual o meu e que bem me poderia elevar á altura do acontecimento maximo da semana. Considera, meu amigo :

Sou um rapaz elegante, demasiado conhecido pela alta sociedade do Rio, relacionado com todas as boas e illustres familias que marcam o tom,

nesta luminosa Sebastianopolis. Serei assim «o amigo inesquecivel que abre, com o seu prematuro passamento, uma lacuna imprehencivel em nosso meio culto». E' que o commentario compungido dos jornaes sobre os moços suicidas, com as suas phrases repassadas de um profundo sentimento de piedade e de *sympathia*, exerceram sempre sobre mim um irresistivel encanto.

Ajunta a isso a probabilidade ou antes a certeza de que a formosa franceza do *High-life* declarará tristemente que minha morte lhe peza sobre a consciencia, porque foi da sua repulsa aos meus desejos que brotou a idéa do meu suicidio, pensa nas lagrimas que derramará e no confrangimento de sua alma como responsavel moral de meu desaparecimento e terás mais um motivo bem forte de minha rematada loucura. Dirás que é um gozo posthumo. Não é, é apenas uma volupia prelibada.

Ha mais ainda, ha a consoladora certeza de que a elegante *mignonne* da rua São Christovão me contará como mais um sacrificado ao altar de sua fulgurante belleza. Tu conhecel-a bem melhor que eu para garantir a justeza de meu asserto. E' verdade que ainda ante-hontem, no cinema Avenida, o nosso flirt chamara a attenção dos bons burgueses que vão ás casas cinematographicas na mais santa e mais pura intenção de ver as fitas. Mas que lhe custará, hoje á tarde, apresentar-se á sua mais intima amiga e com as faces afogueadas de carmim, os cabellos desgrenhados num estudado *negligé*, declarar que a sua alma não encontra paz, ameaçar tambem suicidar-se, porque dirá — ella tambem me amava e si me repellia era apenas porque não tinha a plena convicção do meu amor. Quizera humillar-me e sahira-lhe cara a experiencia.

Ora, bem sabes, meu velho Alfredo, que da intima amiga ao grande publico leitor de novidades só ha uma questão de... minutos.

Depois minha familia far-me-á funeraes esplendidos, riquissimos. Deixo as minhas disposições para que haja luxo, muito luxo e com muitos actos religiosos, os que ferem a imaginação sensivel das mulheres e prolongam a duração de minha lembrança.

Depois virão as missas pomposas e solemnes, com catafalco e luzes, no setimo, no trigésimo dia e em todos os anniversarios de meu passamento. Depois o mausoléu custoso, encomendado especialmente na Europa e emfim de vez em quando, a recordação grata e necrológica de algum amigo. Conto para isso contigo...

Conheces-me ha muito tempo, Alfredo, para saber que isso que ahi fica é a mais pura expressão da verdade.

Suicido-me porque acho *chic* e de muito bom tom esse acto que todos, numa instinctiva solidariiedade de rebanho, classificam de loucura ou de covardia.

Desespero de minha parte não o há, não o pode haver. O perder a mesada era para mim um facto vulgarissimo. Meu pae que é rico e largo de mãos, mandava-me, ás vezes quatro e cinco mesadas. Vês dahi que a perda da francesinha era uma simples questão de dias...

O amor tambem não é a causa. Nunca me líguei a mulher nenhuma, porque não achava nessas conjunções nada que as nobilitasse. Achava-as sujas.

Pelas moças de hoje, tambem não poderia apaixonar-me. Ha uma falta tamanha de aristocracia e de linha que, para mim, uma paixão por qualquer das moças que conheci seria a amostra de amolecimento de meu cerebro e a prova da decadencia completa de minha faculdade de analyse. As minhas galanterias á mignonne da rua São Christovão nunca foram alem da amabilidade que me impunha o codigo de rapaz da moda. Porque o amor é, para mim, ainda neste momento, a ausencia dessa instinctiva superioridade da razão sobre a carne, que deve distinguir um homem de um bruto, superioridade que sempre quiz ter e pude manter em todos os actos da vida.

Seria então, desespero pelo desmoronar de alguma linda esperanza?

Pelo que disse acima, nunca as tive, desde que o homem põe a volupia e mesmo a razão de ser da vida no amor.

Desespero da vida? Tampouco. Nunca fiz idéa nenhuma optimista ou pessimista e sempre procurei viver sem saber como nem porque. Diver-tia-me, achava-lhe sabor, graça e encanto, vivi. Agora acho graça em morrer. Vou com os demais.

Nunca tive religião nenhuma porque nunca um sentimento mau brotou em minha alma, como nella não brotaria nunca um sentimento bom. E isto pelo simples facto de que nunca pude fazer a abstracção necessaria e perceber qual a differença que havia entre uns e outros. Para mim vinham da mesma argilla.

Não ha covardia tambem em meu acto. Covarde porque? Um covarde não ri deante da morte,

não analysa com esta minha calma que é quasi cynica. Demais o covarde despreza e maldiz a vida. Eu não. Agradeço-lhe os momentos de ventura e de delicia — e foram tantos! — que me proporcionou.

E si o meu suicidio fosse para a redempção de um grande peccado ou para a redempção posthuma de toda a minha vida — que cousas engraçadas sabe inventar a dialectica humana! — não seria com este meu ar jovial que me encaminharia para a grande treva. Os sacrificios reflectidos fazem-se de cenho carregado!

Suicido-me com uma pistola Browning, typo moderno, com o cabo de prata todo cinzelado. Numa das faces ha uma allegoria contradictoria: representa Hebe distribuindo o vinho aos Deuses no Olympo...

Escolhi, a pistola por achal-a a mais digna arma com que eu me podia eliminar do mundo sem que a minha physionomia soffra alteração. Quero que me encontrem barbeado, penteado, empoado, os lineamentos calmos e firmes, deitado direito e placidamente no meu divan, sorridente como quem dorme um somno longo povoado de sonhos bellos.

Não quero que haja uma contracção, uma só, a quebrar a linha de fidalga distincção que me elevou tanto na vida.

No meio de tanta alegria, só levo uma pequena magua: é a de não poder ler os artigos dos jornaes sobre o meu «extranho suicidio», as noticias sobre o luxo do enterro, sobre a concorrencia das missas e os discursos funebres; não poder ver os faniquitos da mignonne nem as lagrimas copiosas da encantadora franceza... Seria meu ultimo gozo.

Até pelo reino dos mortos.

Do teu

Sylvio

Quando Alfredo, meia hora mais tarde, chegou á casa do suicida, encontrou-o deitado, rigido e direito, e, como elle mesmo dissera, barbeado, penteado, empoado, os lineamentos calmos e firmes, e um fio de sangue vincando-lhe o tosto alvo, levemente azulado pela barba. Nos labios, levemente entreabertos, parecia bailar, mobil e inquieto, um sorriso indizível de satisfação, um sorriso diabólico de triumpho e sarcasmo...

SUD MENNUCCI

SUPPLEMENTO

A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores

AMADEU AMARAL

Já lá vai um punhado de tempo que vi, pela primeira vez, o poeta das «Espumas».

Trabalhava eu então no «Jornal do Commercio» de S. Paulo até tres e meia ou quatro da manhã, hora essa em que se encerrava também o expediente do «O Estado de S. Paulo», que era secretariado por Amadeu Amaral.

Viamo-nos sempre no Café Académico», nesse tempo ponto obrigatorio de encontro de todo o pessoal da imprensa matutina de S. Paulo, por ser uma das pouquissimas casas que se conservavam abertas durante toda a noite.

As duas salas do café que, á excepção dos sabbados, desde meia noite se conservavam quasi vazias, só com um ou outro noctambulo, a essa hora enchiam-se de animação com a chegada de redactores, revisores, emfim todo o pessoal dos jornaes que alli ia, após o trabalho, tomar sua «média com pão quente», ou o seu gozinhão de alcohol.

Todos os dias, ou melhor, todas as madrugadas, conforme o nosso velho habito, depois de terminado o serviço, para lá eu me dirigia juntamente com Horacio de Andrade, meu inseparavel amigo, afim de, com café com «mistura», si havia fome, ou com uma farta dose de vinho do porto si fazia frio, ou com as duas cousas juntas, o que era mais commum, nos munirmos de coragem sufficiente para affrontar a gelida garça da madrugada, que nos lategava durante a diaria jornada pela rua da Consolação, em busca da ansioamente desejada chamma dos nossos leitos, para cujo alcance faziamos todo o longo caminho a pé pela falta de bondes a essa hora.

Amideu, depois de haver tomado logar sempre na mesma mesinha, visamos, por uma das portas da rua Direita, entrar a figura calma e encapotada de Amadeu Amaral que geralmente só, bebia o seu café, sahia e tomava a direcção do Viaducto do Chá, sempre com aquelle jeito muito sen, como si estivesse a fazer versos no proprio caminho, segundo a expressão de Roberto Moreira.

Quando, pela primeira vez, logo depois de entrar eu para a imprensa, vi entrar, pelo café a dentro, aquella figura alta que sobressaia do todas as outras, interoguei intrigado, mostrando-o com os olhos a Horacio de Andrade:

— Quem é?

— Não conhece? É Amadeu Amaral. Conhecia-o sim, e muito, mas só de

nome. Vê-lo, porém, era a primeira vez. Lancei então um prolongado e curioso olhar, analysando-o minuciosamente da cabeça aos pés. Era tambem a primeira vez que eu observava de perto um graude homem. E Amadeu já bom que o era: grande na figura e grande no talento.

Com a reincidencia dos nossos encontros, principiamo-nós a cumprimentar; mais tarde, depois da retirada do meu antigo companheiro de imprensa, ficamos, Amadeu Amaral e eu, companheiros de caminhada, porquanto o burilador da «Nevoa» tambem residia no alto da Consolação.

A primeira vez que fizemos a viagem juntos, foi, recordo-me bem, numa escura madrugada de intenso frio e rascante garça.

Achava-se no café, agoia só (Horacio de Andrade, o meu antigo companheiro e amigo, já havia deixado de ser o companheiro para continuar sendo unicamente o velho amigo), quando entrou o poeta, todo respingado de chuvisqueiro, o com o guarda-chuva tambem a escorrer, dependurado de um dos braços. E após beber, aos golinhos, meio calice de «cognac», mettetu-se novamente pela neblina a dentro, em direcção ao viaducto do Chá.

Dois minutos depois, sahia eu tambem pelo mesmo caminho e, ao tomar a rua Xavier de Toledo, avistei o vulto inconfundivel de Amadeu, que se sumia ao longe, na primeira curva da rua.

Estaguei o passo o, quando faltavam uns vinte metros para alcança-lo, devido ao ruido do meu pisar, pois eramos sós na rua, olle voltou-se, parou á minha espera, falando-me ao approximar-me:

— Aproveite o guarda-chuva, que o tempo está de mau humor!

Dahi por diante, faziamos a nossa jornada sempre juntos. Como eu sahisse mais cedo, esperava-o no café. No caminho conversavamos sobre assumptos differentes, salientando-se a literatura que tinha preferencia.

E começou a nossa amizade.

Tempos depois, contra a expectativa geral, devido unicamente á grande modestia de que é dono, veio a sua eleição para a Academia de Letras, na vaga de Olavo Bilac.

As nossas palestras então eram geralmente sobre o grande poeta e o seu discurso de posse, no qual estava trabalhando, e que veio constituir depois de acabado um dos mais perfectos estudos, sobre a personalidade do excelso cantor das estrellas.

Corria o mez de outubro. Uma noite, communicou-me Amadeu Amaral a sua proxima partida para o Rio, afim de ser empossado na cadeira de Bilac.

Effectivamente, passados dias, seguia elle para a capital da Republica.

Eu, por minha vez, resolvi tambem até lá ir, afim de assistir-lhe a posse.

Parti pouco tempo depois. Como

viasse pelo nocturno, cheguei ao Rio de maubã, seguindo directamente para o Hotel da Lapa, onde se achava hospedado o fino prosador das «Letras floridas».

O porteiro, que recebera do poeta, medroso da invasão dos jornalistas cariocas, ordens sovoras e terminantes de não deixar entrar quem quer que fosse sem previo aviso, barrou com o suado corpanzil, a porta do ascensor que devera levar-me ao quarto de Amadeu, dizendo não estar o meu amigo em casa áquelle momento.

Desconfiado das palavras do cêrbero hoteleiro, declarei que era um irmão do poeta, e porisso sentia muito não encontrá-lo.

— Ah! então é outra coisa! Se é da familia, pode subir que elle está em casa.

Encontrei-o ainda deitado, a ler os jornaes da manhã.

Palestramos alguns instantes, convidando-me elle depois para almoçar em sua companhia, «em outra parte que não o hotel» — acerescentou — pois queria fugir do bando de photographos e jornalistas que o agoniam havia já dois dias.

— Imagine você, — ajuntou — que já soffri o supplicio da photographia, uma centona de vezes!

No dia seguinte, 14 de novembro, pela manhã, no dia em que se realizava a recepção na Academia, ao procurá-lo de novo, encontrei no seu quarto, commodamente montado em uma cadeira, a palestrar, o escriptor Alberto de Faria, com o qual abnoçamos.

Á tarde, Amadeu convidou-me a acompanhá-lo ao barbeiro, onde ia por o rosto em condições de entrar para a Academia.

Ali pudemos então assistir á mais interessante descripção que se pode imaginar, de uma festa, relatada á um dos figaros por um freguez que se barbeava, escarrapachado n'outra cadeira.

Descrevia elle um convescote em que tomára parte, findo o qual escálara, juntamente com alguns companheiros, uma janella, para roubar um frango assado.

— Vocês não imaginam, rapazes, o que fizemos! dizia o orador em altas vozes: pulámos a janella, que era alta á «bessa», surripiámos o frango e, nisto vem entrando uma garota que nos pega com a bocca na botija! Foi uma corrida geral. Eu então, agarrei o frango assado que estava respingando e cheio de manteiga, e pullei assim! (e o homem, deixando a poltrona em que se barbeava, com a cara semi-ensaboada, trepou por uma cadeira do salão e, com as mãos abertas á parede, mostrava como descêra da alta janella, a segurar o frango roubado).

Quando sahimos da barbearia, disse o meu companheiro ainda a rir:

— A sessão da Academia será mais interessante que essa do barbeiro?



Pensamentos de RUY BARBOSA

(Collectanea de Mario de Lima Barbosa)

Emquanto Deus nos dê um resto de alento, não ha que desesperar da sorte do bem. A injustiça pôde irritar-se, porque é precaria. A verdade, não se impacienta, porque é eterna. Quando praticamos uma acção boa não sabemos se é para hoje, ou para quando. O caso é que os seus fructos podem ser tardios, mas, são certos. Uns plantam a semente da couve para o prato de amanhã, outros a semente do carvalho para o abrigo do futuro. Aquelles cavam para si mesmos. Estes lavram para o seu paiz, para a felicidade dos seus descendentes, para o beneficio do genero humano.

(Contestação da Eleição Presidencial — 1910).

Só o bem, neste mundo, é duravel, e o bem, politicamente, é todo justiça e liberdade, formulas soberanas da autoridade e do direito, da intelligencia e do progresso.

(Conf. Bahia, 24 de Maio, 1897).

A grande obra dos bemfeitores predestinados está na illimitada sobrevivencia della aos seus autores, que do seu proprio trespassse revivem todos os dias nos fructos do bem, que plantaram, na corrente de benções, que deixaram aberta e borbotante. São fontes de bondade, em que se desentranha a vida ephemera dos mortaes immortalizados, para a continuarem, atravez de seculos e seculos, em caudae de benevolencia e caridade.

(Oswaldo Cruz).

Só ha uma gloria verdadeiramente digna deste nome: é a de ser bom; e essa não conhece a soberba nem a fatuidade.

(Disc. Collegio Anchieta).

O mal nunca venceu o bem, senão usurpando a este o necessario para o illudir, o arredar, a adormecer, o fraudar, o substituir, o vencer. Se a injustiça, a mentira, o egoismo, a cobiça, a rapacidade, a grosseria d'alma, a baixaza moral, a inveja, o rancor, a vingança, a traição, apparecessem nus e desnudos aos olhos do individuo, aos olhos do povo, aos olhos da sociedade, aos olhos do mundo, ninguém preferiria o mal ao bem e o bem não se veria jamais desterrado pelo mal.

Autour du malheur et de la souffrance, qui ont une si grande part dans notre lot, il y a un rayonnement de joie, qui enveloppe les chesets et les ames, en nous donnant a savourer

le bonheur de vivre. On ne peut pas s'y soustraire, en voyant la magnificence de l'univers, en recontraant la bonté, en éprouvant l'amour, en se sentant caressé par la douceur ambiente des choses. C'est bon de vivre, quand on croit, quand on espere, quand on fait bien...

(Anatole France).

Só as más causas dependerão do talento dos grandes pregadores. As boas vingar pela sua santidade, que basta apparecer, para ser reconhecida, como a deusa antiga, revelada na majestade silenciosa do seu andar. «Et vera incessesu patuit dea».

(Guerra Européa. Conf. Petropolis — 1917).

Os pleitos que encheram Athenas e Roma com as orações de Demosthenes e Cicero demandavam, para sobreviver ao seu tempo, o genio daquelles monstros da palavra. O mandato que trouxe o Christo á terra, e o pregou na cruz, resplandece em qualquer boca, donde saia o Evangelho na pureza da sua humildade e na innocencia da sua doutrina. A tribuna humana só se abraza com as inspirações do genio. Mas o verbo de Deus arraa de luz o mais obscuro canto do mundo, onde se levante uma consciencia christã, apostolando a lei de Jesus contra a lei de Caím.

(Guerra Européa. Conf. Petropolis — 1917).

Todos os sentimentos puros obedecem á lei da verdade. Onde começa a mentira, principia a infidelidade, se abre o caminho da traição.

(Conf. Juiz de Fóra — Fev. 1919).

Nada expõe tanto uma nação a calamidades irreparaveis, como a inconsciencia das suas chagas e a presumpção da sua sufficiencia, devidas ao atabafamento systematico da verdade.

(Conf. Juiz de Fóra — 1910).

As decepções em que accordam os povos enfatuados e cegos são inenarraveis.

(Conf. Juiz de Fóra — 1910).

O principio dos principios é o respeito da consciencia, o amor da verdade.

(Conf. Juiz de Fóra — 1910).

Os antigos enxergavam no mentiroso o mais vil dos tarados moraes. Depois de enumerar todas as misérias de um perdido, concluiam, quando cabia: «E até meute». Entre dous ladrões crucificaram os judeus a Jesus; porque não usaram exorcial-o entre dous baldões. O ladrão prostitue com o roubo, as suas mãos. O mentiroso com a mentira, a propria boca, a sua palavra e a sua consciencia. O ladrão offende o proximo nos bens da fortuna. O mentiroso, não é no patrimonio, é na honra.

Despedimo-nos no ponto dos bondes. Eu ia ao centro da cidade, havendo-lhe antes prometido passar na casa do academico João Ribeiro, com o fim de buscar um espadim que devêra servir para a cerimonia, á noite.

De facto, regressando ao hotel, fui ao Flamengo, na residencia do conhecido grammatico, onde recebi um finissimo espadim, pertencente, se me não engano, ao Corpo Diplomatico, motivo pelo qual se viam gravadas no manubrio as iniciaes C. D.

Como ignorasse o significado das duas letras já no hotel, interroguei Amadeu Amaral, indicando as mesmas:

— Que quererá dizer isto aqui? Este espadim não pertence á Academia?

O meu amigo que, á frente do espelho luctava para abotoar um renitente collarinho, voltou o rosto para o objecto, com os dedos firmes ao botão da camisa, mirou por alguns instantes o cabo do espadim e, com voz sumida, gemeu, voltando-se ao penoso trabalho de pôr o collarinho no respectivo lugar:

— Pois então? Cademia D'letras!...

Quando o poeta vestia a volumosa casaca da farda academica, ao verificar o peso e a grossura do uniforme, que devêra trazer durante grande parte da quentissima noite que fazia, suspirou desconsoladamente:

— Quantas provações para se passar a uma immortalidade interina!...

Ninguém ignora o brillantismo de que se revestiu a posse de Amadeu Amaral. Os jornaes do Rio e de São Paulo incumbiram-se de divulgá-lo, bem como os discursos do novo academico e de Magalhães Azeredo, o orador official da Academia.

Finalizada a seessão solemne, dirigimo-nos ao hotel, afirmo do poeta mudar de roupa, seguindo depois para o centro da cidade, para tomarmos, eu o primeiro alimento do dia, pois passava de meia noite, e Amadeu Amaral o primeiro, após a sua entrada na immortalidade.

Dirigimo-nos á «Brahma», onde ficámos em palestra por varias horas, em companhia de alguns amigos que chegaram depois, entre elles, Alberto de Faria, Goulart de Andrade, Julio de Mesquita Filho, Mauro Pacheco e outros.

Á saída, despedimo-nos dos companheiros, rumando, os dois, para o ponto do bonde, que levou uma eternidade a chegar. Como estivessemos fatigados de estar de pé, á espera do carro que nos conduzisse ao hotel, lamentei ao meu companheiro a falta de um banco alli pelos arredores, em que pudesse descançar.

— Você quer saber de uma coisa? respondeu-me o poeta. Contentemo-nos com o que ha. E unindo a acção ás palavras, senton-se elle na calçada da rua, com os pés na sargeta.

— Mas um immortal? commentei a rir.

— Então você pensa que a immortalidade não cança? Cança, e muito. Descansemo-nos, portanto! Sentese aqui...

São Paulo, 6-921.

PAULO DUARTE

ra, na liberdade, na propria vida. Tanto vai do latrocinio á calumnia... (Conf. Assoc. Com. Rio de Janeiro. Março — 1919).

A tolerancia constitue a mais preciosa das virtudes de educação, nas almas habituadas a estudar com philosophia as cousas humanas. (Diario Noticias — 7, Março, 1889).

Toda a sciencia da administração é economia dos Estados é um vasto campo de debates e nma lição de transacções. (Diario Noticia — 7, Março, 1889).

Politica e transacção, na melhor moral deste mundo, são termos equivalentes. Reformas duradouras são unioamente as que se operam transigindo. As proprias revoluções transigem, e na therapeutica humana, os mais sabios systemas de cura são transacções com o mal, cujos agenter a medicina utiliza para obter a saúde pela doença. (Disc. Th. Lyrico. Rio, Outubro — 1909).

Racine em café-concerto.

Uma extranha aventura acontecen a Racine, ou á sua obra, ha pouco tempo, em Londres.

Na capital britannica existe um empresario emprehendedor. O que agrada ao publico — disse elle, lá com os seus botões — é o contraste e, sobretudo, o imprevisto. Feito isso, eis o que imaginou. Ao meio da representação de uma revista intitulada «Londres, Paris e Nova York», entre as scenas mais comicas, resolveu intercalar nada menos que o terceiro acto da «Andromaca», representado por dois dos melhores artistas francezes, especialmente contractados para esse fim...

Nelson Keys, celebre actor de café concerto, capaz de excitar hilaridade nos mais diversos papeis, representa um velho almirante numa praia da moda e, assim, ás gargalhadas sacode toda a platêa. Cae o pano, um instante, reergue-se logo e eis Hermiona, filha de Helena, com Orestes, filho de Agamemnon. De uma praia elegante salta-se para o palacio de Pyrrho, no Epiro, alguns tempos depois da guerra de Troya.

Os alexandrinos do grande poeta deviam ter soado extranhamente em tal scena. Não que se entendessem muito bem as tiradas de Hermiona, pois ella as recitava de costas para o publico. Demais, ella se encontra em terrivel estado de excitação.

Mas essa excitação não é nada perante a de Orestes. Eil-o com a physionomia transformada, cabellos em desordem, olhos fóra das orbitas. Quando escuta as furiosas recriminações de Hermiona, quando se lhe annuncia o seu suicidio, tomam-no a loucura e o delirio, a voz se lhe torna sibilante, oada vez mais rugidora e elle transborda em um accesso de colera.

Cae o pano. Segundos depois, Nelson Keys reaparece elegantemente bem posto como nm «gentleman» dos tempos modernos. Recomeça a hilaridade.

Que dizer de tão brusca mudança? Como ducha esossêza, impossivel encontrar melhor.

O publico, assegura-se, não se desconcertou em nada. Ainda que para a maioria os versos francezes sejam como se fosse o hebreu, os espectadores tinham o ar de quem se interessava por Orestes, quasi tanto como a Nelson Keys.

E' que as contorsões e os rugidos têm a vantagem de se entenderem perfeitamente em todas as linguas. Os espectadores acompanhavam a mimica, o jogo physionomico como se seguissem e mais emocionante dos «films».

Leconte de Lisle.

... «O senhor Leconte de Lisle me agrada» — escrevia Gustave Flaubert, desde a estreia do autor de «Midi». «Amo as pessoas decididas e entusiastas. Nada se faz de grande sem fanatismo». Que importava, após isso, ao joven mestre, os brutos insultos que se levantaram em torno d'elle? Outra coisa não faziam senão saturar de desdem a profundez tranquilla de sua indifferença. Alias, desde os seus quarenta annos, as homenagens de seu cenaculo parnasiano deviam dar-lhe occasião de constatar, duma maneira clara, a altura de sua gloria. Já então tinha elle para publicar seus versos e os dos seus companheiros, a «Revue du Parnasse Contemporain». Estava cercado por uma elite de poetas que o admiravam e que elle amava: «A amizade viril, dizia elle, não é outra coisa sinão um amor intellectual»; e elle cultivava esse amor como uma planta infinitamente preciosa.

A phalange que se unia ao chefe da escola parnasiana sentia bem que o que lhe faltava então era uma firme disciplina, uma linha de conducta plena e resoluta: «Certo, escrevia Catulle Mendés, historiador do «Parnasse», certo, o sentimento do Bello, o horror ás tolas sensibilidades que deshonravam por esse tempo a poesia franceza, nós os tínhamos! Mas era em desordem que nós nos atiravamos a essa campanha e que marchavamos á conquista do nosso ideal... Precisavamos de uma regra imposta do alto e que, deixando-nos a nossa independencia intellectual, fizesse convergir gravemente, dignamente, as nossas forças esparsas para a victoria entrevista. Essa regra, foi de Leconte de Lisle que nós a recebemos».

A realisa poetica, exercida pelo mestre do Parnaso sobre tantas gerações de poetas francezes, não se extinguia ainda, nem se extinguirá.

Com effeito, mesmo no momento em que, ahí por 1890, triumphavam ruidosamente, sob o nome de decadentes e de symbolistas, de primitivistas e de naturistas, de intensistas e de unanimistas, de harmonistas, de «verso libristas» e de futuristas, uma nuvem de rimadores bolcheviks mais ou menos extrangeiros, todos independentes o cada um prompto a crear a sua prosodia, a fazer a sua metrica, a erigir em dogma «as decisões de seu bestunto» — mesmo nesse momento, os nossos poetas, os mais notoriamente nacionaes, repugnavam e se recusavam a aceitar a doutrina da poetica nova. Verlaine que, mau grado sua descendencia directa de Villon

e de La Fontaine, ahí se havia enfudado, não via sem viva inquietude, os excessos de seus condiscipulos. E' que, si consentia em alargar a disciplina do verso, não desejava vela de todo supprimida. Sabia que para que haja verso é preciso que haja rythmo o rima: «No presente, — affirmava elle — fazem-se versos de mil pés: isso não são versos». E' prosa e sobretudo, algumas vezes, não é francez. Chamam-uo de versos rhythmicos, mas nós ão somos nem Latinos, nem Gregos, nós somos Francezes... A poesia é um teclado, o poeta um artista. Elle pode, deixando a tradicional rotina, quebraudo os velhos moldes, tirar effeitos novos, inventando novos accordes; mas, si elle bate ao acaso ou do lado, o rythmo desaparece, o som não mais existe, a imaginação ultrapassa o fim a attingir e nós chafurdamos nos versos de dezete, de dezoito, de vinte e quatro pés...»

O publico francez concordou com Verlaine. A apothéose do «Cyrano» de Edmond Rostand foi, por sua vez, para os anarelistas da poesia, uma primeira advertencia de que iriam ficar sós em Aigues-Mortes, a cidade arenta, emquanto em redor delles a torrente da vida continuava a rolar as magias da arte viva. Já se tinha visto um Maurice Bouchor, um Henri de Régnier se evadir, a passo eada voz mais rapido, desse preconito do symbolismo que lhes havia dominado a primeira juventude. Jean Moreas, o mais perfeito coadjutor do symbolismo, foi o quo melhor contribuiu para sustar a sua evolução. Se elle fora um dos primeiros a se revoltar contra as tyrannias da poesia parnasiana, se seu «Pèlerin passionné» marcára a hora mais brilhante da escola symbolista, foi elle tambem o primeiro a fazer apparecer, no que concerne á lingua, preocupações que prepararam a evolução proxima. A maneira ruidosa pela qual rompeu então contra os symbolistas, provocou contra elle coleras terriveis. Heleno, vindo para o genio francez caminhando ao longo das fontes originaes, Jean Moreas não se incommodou: apartou-se de seus companheiros de luctas, desde que percebeu que eram, emfim, na maioria homens chegados das quatro cantos do horizonte e que pretendiam versificar em francez sem nenhum estudo preliminar e considerando como superioridade escrever — em francez pretendem elles — sem querer ou sem poder se conformar ás exigencias do genio francez.

Pode-se, pois, dizer que, após ter rejeitado as insufficiencias os caprichos mais ou menos nervosos do decadentismo, e até do symbolismo, nossos poetas os mais puramente francezes se tornaram no presente duma unanime admiração para com o Renovador, cuja morte não suspendeu o culto devido aos semi-deuses que trouxeram a seu paiz a flamma do genio, e cuja gloria faz parte da riqueza nacional.

Assim, é a alta figura do Leconte de Lisle que a esta hora nos apparece levantada ao meio desse templo da Santa Belleza elevado por suas mãos a Apollo delphico, mestre dos rythmos perfeitos segundo os quaes foram construidas a Acropole, as trêsmesde Salamina, e a Agora, onde falava Demosthenes.

Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) 1\$000
Um soneto de Bilac (critica) 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) No prélo

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) No prélo

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDÊMAR FERREIRA

Manual do Commerciante 8\$000
Estudos de Direito Commercial 10\$000
A Hypotheca Naval no Brasil 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commerciante precisa saber
(10.º milheiro) 2\$000
Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos
(2.a edição, 8.º milheiro) 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i>	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i>	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i>	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i>	3\$000	—
IDÊAS DE JÉCA TATÚ, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i>	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i>		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i>	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i>	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i>	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i>	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i>	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i>	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i>	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i>	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i>	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

ra, na liberdade, na propria vida. Tanto vai do latrocínio á calúnia... (Conf. Assoc. Com. Rio de Janeiro. Março — 1919).

A tolerancia constitue a mais preciosa das virtudes de educação, nas almas habituadas a estudar com philosophia as cousas humanas. (Diario Noticias — 7, Março, 1889).

Toda a sciencia da administração e economia dos Estados é um vasto campo de debates e uma lição de transacções. (Diario Noticia — 7, Março, 1889).

Politica e transacção, na melhor moral deste mundo, são termos equivalentes. Reformas duradouras são unicamente as que se operam transigindo. As proprias revoluções transigem, e na therapeutica humana, os mais sabios systemas de cura são transacções com o mal, cujos agenter a medicina utiliza para obter a saúde pela doença. (Disc. Th. Lyrico. Rio. Outubro — 1909).

Racine em café-concerto.

Uma extranha aventura acontecen a Racine, ou á sua obra, ha pouco tempo, em Londres.

Na capital britannica existe um empresario emprendedor. O que agrada ao publico — disse elle, lá com os seus botões — é o contraste o, sobretudo, o imprevisito. Feito isso, eis o que imaginou. Ao meio da representação de uma revista intitulada «Londres, Paris e Nova York», entre as scenas mais comicas, resolveu intercalar nada menos que o terceiro acto da «Andromaca», representado por dois dos melhores artistas francezes, especialmente contractados para esse fim...

Nelson Keys, celebre actor de café concerto, capaz de excitar hilaridade nos mais diversos papeis, representa um velho almirante numa praia da moda e, assim, ás gargalhadas sacode toda a platéa. Cae o pano, um instante, reergue-se logo e eis Hermiona, filha de Helena, com Orestes, filho de Agamennou. De uma praia elegante salta-se para o palacio de Pyrrho, no Epiro, alguns tempos depois da guerra de Troia.

Os alexandrinos do grande poeta deviam ter soado extranhamente em tal scenca. Não que se entendessem muito bem as tiradas de Hermiona, pois ella as recitava de costas para o publico. Demais, ella se encontra em terrivel estado de excitação.

Mas essa excitação não é nada perante a de Orestes. Eilo com a physionomia transformada, cabellos em desordem, olhos fóra das orbitas. Quando escuta as furiosas recriminações de Hermiona, quando se lhe annuncia o seu suicidio, tomam-no a loucura e o delirio, a voz se lhe torna sibilante, cada vez mais rugidora e elle transborda em um accesso de colera.

Cae o pano. Segundos depois, Nelson Keys reaparece elegantemente bem posto como um «gentleman» dos tempos modernos. Recomeça a hilaridade.

Que dizer de tão brusca mudança? Como ducha escosséza, impossivel encontrar melhor.

O publico, assegura-se, não se desconcertou em nada. Ainda que para a maioria os versos francezes sejam como se fosse o hebreu, os espectadores tinham o ar de quem se interessava por Orestes, quasi tanto como a Nelson Keys.

E' que as contorsões e os rugidos têm a vantagem de se entenderem perfeitamente em todas as linguas. Os espectadores acompanhavam a mimica, o jogo physionomico como se seguissem e mais emocionante dos «films».

Leconte de Lisle.

... «O senhor Leconte de Lisle me agrada» — escrevia Gustave Flaubert, desde a estreia do autor de «Midi». «Amo as pessoas decididas o entusiastas. Nada se faz de grande sem fanatismo». Que importava, após isso, ao joven mestre, os brutos insultos que se levantaram em torno d'elle? Outra coisa não faziam senão saturar de desdem a profundeza tranquilla de sua indifferença. Alias, desde os seus quarenta annos, as homenagens de seu cenaculo parnasiano deviam dar-lhe occasião de constatar, duma maneira clara, a altura de sua gloria. Já então tinha elle para publicar seus versos e os dos seus companheiros, a «Revue du Parnasse Contemporain». Estava cercado por uma elite de poetas que o admiravam e que elle amava: «A amizade viril, dizia elle, não é outra coisa sinão um amor intellectual; e elle cultivava esse amor como uma planta infinitamente preciosa.

A phalange que se unia ao chefe da escola parnasiana sentia bem que o que lhe faltava então era uma firme disciplina, uma linha de conducta plena e resoluta: «Certo, escrevia Catulle Mendés, historiador do «Parnasse», certo, o sentimento do Bello, o horror ás tolhas sensibillidades que deshonravam por esse tempo a poesia franceza, nós os tínhamos! Mas era em desordem que nós nos atiravamos a essa campanha e que marchavamos á conquista do nosso ideal... Precisavamos de uma regra imposta do alto e que, deixando-nos a nossa independencia intellectual, fizesse convergir gravemente, dignamente, as nossas forças esparsas para a victoria entrevista. Essa regra, foi de Leconte de Lisle que nós a recebemos».

A realza poetica, exercida pelo mestre do Parnaso sobre tantas gerações de poetas francezes, não se extinguiu ainda, nem se extinguirá.

Com effeito, mesmo no momento em que, ahí por 1890, triumphavam ruidosamente, sob o nome de decadentes e de symbolistas, de primitivistas e de naturalistas, de intensistas e de unanimistas, de harmonistas, de «verso libristas» e de futuristas, uma nuvem de rimadores bolcheviks mais ou menos estrangeiros, todos independentes e cada um prompto a crear a sua prosodia, a fazer a sua metrica, a erigir em dogma «as decisões de seu bestunto» — mesmo nesse momento, os nossos poetas, os mais notoriamente nacionaes, repugnavam e se recusavam a aceitar a doutrina da poetica nova. Verlaine que, mau grada de sua descendencia directa de Villon

e de La Fontaine, ahí se havia enfeudado, não via sem viva inquietude, os excessos de seus condiscipulos. E' que, si consentia em alargar a disciplina do verso, não desejava vella de todo supprimida. Sabia que para que haja verso é preciso que haja rythmo e rima: «No presente, — affirmava elle — fazem-se versos de mil pés: isso não são versos. E' prosa e sobretudo, algumas vezes, não é francez. Chamam-no de versos rhythmicos, mas nós não somos nem Latinos, nem Gregos, nós somos Francezes... A poesia é um teclado, o poeta um artista. Elle pode, deixando a tradicional rotina, quebraudo os velhos moldes, tirar effeitos novos, inventando novos accordes; mas, si elle bats se accaso ou de lado, o rythmo desaparece, o som não mais existe, a imaginação ultrapassa o fim a attingir e nós chafurdamos nos versos de dezete, de dezoito, de vinte e quatro pés...»

O publico francez concordou com Verlaine. A apothéose do «Cyrano» de Edmond Rostand foi, por sua vez, para os anarchistas da poesia, a primeira advertencia de que iriam ficar sós em Aigues-Mortes, a cidade arelenta, enquanto em redor delles a torrente da vida continuava a rolar as magias da arte viva. Já se tinha visto um Maurice Bonchour, um Henri de Régnier se evadir, a passo cada vez mais rapido, desse preconceito do symbolismo que lhes havia dominado a primeira juventude. Jean Moreas, o mais perfeito coadjutor do symbolismo, foi o que melhor contribuiu para sustar a sua evolução. Se elle fora um dos primeiros a se revoltar contra as tyrannias da poesia parnasiana, se seu «Pélerin passioné» marcára a hora mais brilhante da escola symbolista, foi elle tambem o primeiro a fazer apparecer, no que concerne á lingua, preoccupações que prepararam a evolução proxima. A maneira ruidosa pela qual rompen então contra os symbolistas, provocou contra elle coleras terrivois. Heleno, vindo para o genio francez caminhando ao longo das fontes originaes, Jean Moreas não se incommodou: apartou-se de seus companheiros de luctas, desde que percebeu que eram, enfim, na maioria homens chegados das quatro cantos do horisonte e que pretendiam versificar em francez sem nenhum estudo preliminar e considerando como superioridade escrever — em francez pretendem elles — sem querer ou sem poder se conformar ás exigencias do genio francez.

Pode-se, pois, dizer que, após ter rejeitado as insufficiencias oscaprichos mais ou menos nervosos do decadentismo, o até do symbolismo, nossos poetas os mais puramente francezes se tornaram no presente duma unanime admiração para com o Renovador, cuja morte não suspendeu o culto devido aos semi-deuses que trouxeram a seu paiz a flamma do genio, e cuja gloria faz parte da riqueza nacional.

Assim, é a alta figura de Leconte de Lisle que a esta hora nos apparece levantada ao meio desse templo da Santa Beleza elevada por suas mãos a Apollo delphico, mestre dos rythmos perfeitos segundo os quaes foram construidas a Acropole, as trirémes de Salamina, e a Agora, onde falava Demosthenes.

Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) 1\$000
Um soneto de Bilac (critica) 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) No prélo

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) No prélo

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commeciante 8\$000
Estudos de Direito Commercial 10\$000
A Hypotheca Naval no Brasil 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commeciante precisa saber
(10.º milheiro) 2\$000
Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos
(2.a edição, 8.º milheiro) 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i>	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i>	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i>	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i>	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i>	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i>		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i>	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i>	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i>	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i>	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i>	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i>	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i>	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i>	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i>	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).